

"PRECONCEITO SOCIAL EM RELAÇÃO AO EDUCADOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL"

Adirson Olavio Bernardes
Rosilane do Amaral
Sabrina Züge Romariz

As instituições de educação infantil, em sua maioria exercem um preconceito em relação ao trabalho masculino com as crianças na idade de 0 à 6 anos, isto ocorre em função de instrução diferenciada para o menino e para a menina, seja pelo reforço dado por Agências e Agentes Socializadores como a Escola, a Família, os professores com atribuição de papéis sexuais e sociais prescritos na nossa cultura.

Nossa sociedade é orientada com papéis sexuais diferenciados para homens e para mulheres, sendo que na educação infantil fica imposto a responsabilidade pela educação e cuidado das crianças pequenas às mulheres, principalmente pelo fato de ser mãe.

A instituição é considerada pelas famílias uma continuação do lar no ato de cuidar, sendo assim, o homem/educador tem sua profissão dificultada, especialmente na educação infantil que é quando a criança experimenta o rompimento lar/escola.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Figura masculina na educação infantil. Necessidade ou Profissão?

A muito tempo admirava a profissão de educador. Depois de exercer diversas profissões da área administrativa e contábil resolvi prestar concurso público para inserir-me em instituições pedagógicas iniciando atividades nessa profissão na condição de auxiliar de sala.¹ Quando fui aprovado no concurso não tinha clareza das atribuições dessa função.

¹ A rede municipal de ensino de Florianópolis conta com um grande número de auxiliares de sala com a função de auxiliar o educador na rotina diária como: organização do espaço e atividades, ajudar nas refeições e outros. A formação mínima exigida é o ensino fundamental, porém, existe na rede uma grande quantidade de profissionais nesta ocupação que tem formação média ou que estão cursando nível superior.

No dia marcado para a entrevista fui questionado sobre qual a instituição que eu queria trabalhar. Creche ou NEI? Eu, sem saber o que responder, fui ajudado pela equipe de recursos humanos da prefeitura dizendo-me que se escolhesse creche, teria que trocar fraldas e preparar mamadeiras e se escolhesse NEI, iria trabalhar com crianças de três anos e seis meses a seis anos; foi quando optei por trabalhar em NEI com crianças maiores. A não escolha com crianças menores não foi pelo fato de não saber desenvolver tal atividade, pois já havia passado por essas experiências com duas filhas e entendo que o cuidado e a educação dos filhos não é mérito e nem obrigação somente da figura feminina, a mãe.

Aceitei o desafio e parti para a instituição escolhida. Fui recebido pela diretora que me parecia bastante assustada pelo fato de chegar um homem para ali trabalhar e me falou da preocupação das educadoras em ter que trabalhar com uma figura masculina em sala. Disse-me que as mesmas entendiam que o meu ingresso na unidade iria provocar desconforto e uma limitação no comportamento das funcionárias. Depois de ter relatado estes problemas, a diretora leu as atribuições de um auxiliar de sala e combinamos quais as turmas que eu iria auxiliar. Ficou decidido que eu trabalharia com duas turmas; um dia com o II período (crianças de 4 anos e 6 meses à 5 anos e 6 meses) e outro dia com o III período (crianças de 5anos e 6 meses à 6 anos e 6 meses).

Agradei a atenção da diretora e confirmei minha presença no dia seguinte para começar a nova atividade. Ao sair da sala, presenciei algumas funcionárias se movimentando rapidamente, umas entravam na cozinha, outras nas salas, não entendi! Mas após uma semana de trabalho, estas pessoas me disseram que me analisaram de longe, pois tinham curiosidade em saber como eu me vestia, como me relacionava com as pessoas, quais as minhas atitudes, enfim, eram comportamentos relacionados com a minha postura.

Em sala fiquei surpreso por estar tão pouco tempo com as crianças e muito rápido conquistar a confiança, a amizade e o carinho delas. Consegui estabelecer um clima harmonioso entre as educadoras, as crianças e também com aquelas mães que costumavam levar seus filhos todos os dias para a instituição. Porém, essa harmonia e amizade com as mães, com as crianças e com algumas educadoras, provocou um problema nas famílias. As crianças ao chegarem em casa, comentavam sobre o dia na instituição e falavam muito do educador Adirson, isso foi causando um ciúme nos pais, o que obrigou a ida deles na instituição para conhecer o tal educador que era tão comentado em suas casas. Não foi

diferente com os esposos das educadoras. Tudo isso, aos poucos, foi sendo solucionado através de uma aproximação minha com as demais pessoas envolvidas na instituição.

Tive muita dificuldade com relação aquelas crianças que vinham de famílias em que não têm a presença do pai, ou mesmo as que têm a presença, mas não tem a atenção adequada. Esse problema me atingia tanto na sala, quanto no parque, sendo que no parque, em maior dimensão, pois essas crianças me tomavam o tempo por inteiro entendendo que eu seria exclusividade delas. Este motivo me impedia de uma observação mais detalhada do grande grupo e um convívio com maior número de crianças.

Outra dificuldade foi o fato de ser o único homem na instituição, todo trabalho pesado que surgia, eu era convocado a deixar as minhas atividades para tentar resolvê-los. Eram trabalhos de diversas origens como: arrumar torneiras, bebedouros, trocar lâmpadas, carregar terra, comprar madeiras, construir móveis e tantos outros.

O que mais me marcou no início desse trabalho foi que durante o período de adaptação das crianças, aquelas que não queriam ficar na instituição, passavam por diversas educadoras, porém, se sentiam mais seguras e melhor acolhidas por mim.

Um caso bastante curioso foi o de duas irmãs gêmeas que só queriam ficar na sala que eu trabalhasse, mas o combinado na instituição não permitia pela diferença de idade. Esse caso aconteceu novamente após 3 anos, com duas meninas também gêmeas que eram primas das primeiras.

Todos esses acontecimentos que acabei de relatar revelam a concepção que a sociedade tem sobre o atendimento à criança pequena e principalmente sobre o profissional que atua nesta área (educação infantil).

Com muita paciência e insistência superei alguns “pre-conceitos” e continuo lutando para superar outros.

Quanto às atribuições que me eram impostas ao ingressar na instituição, eu fazia das tripas o coração para realizá-las. Sempre fui muito exigente comigo, pensando em dar conta de tudo, procurava resolver todos os trabalhos que considerei prejudiciais para o desempenho pedagógico.

Com o passar do tempo fui percebendo que necessitava de mais informações sobre essa profissão, pois elas me dariam subsídios para melhor compreensão das relações pedagógicas e do meu papel. Por essa necessidade comecei a participar de seminários,

congressos, cursos, palestras, mas continuava sentindo falta de uma informação quando busquei ingressar no curso de pedagogia da UFSC, onde atualmente curso a sétima fase – habilitação educação infantil. Ao mesmo tempo pensei em realizar, propor alguma atividade na sala envolvendo educador / criança, criança / educador / família. Foi excelente a idéia, em conjunto construímos uma casinha de madeira no interior da sala. Essa construção movimentou toda a turma trazendo um novo clima na sala. A atividade tinha como principal objetivo trazer os pais para a instituição tanto para participar no processo de construção da casinha, quanto para uma integração e conhecimento da pessoa adulta que estava convivendo com seus filhos (o educador).

Num início de ano a Secretaria Municipal de Ensino de Município não havia decidido qual educador mandaria para trabalhar comigo. Diante desta situação comecei o ano desenvolvendo o trabalho pedagógico sozinho, sem a companhia do professor. Recebi quase todas as crianças sem qualquer objeção por parte dos pais, mas uma delas; a mãe me disse que: a minha filha não vai ficar com um homem desconhecido. Quando eu fiz a matrícula, ninguém me falou que o professor dela seria um homem “. Eu conversei muito tempo a mãe, expliquei o motivo de não Ter um professor em sala. Dizendo que esta solução na dependia da instituição, mas sim, da Secretaria e que o problema era político e se dava pelo fato da troca de administração. Continuei dizendo que eu tinha filhas com aquela idade e que já tinha uma certa habilidade e alguns conhecimentos para cuidar e educar aquelas crianças. A mãe após me ouvir parou um pouco, refletiu e resolveu aceitar, deixando sua filha e saiu para trabalhar. Depois de algumas semanas a mãe solicitou um momento para que a mesma pudesse conversar comigo. No momento proporcionado pela instituição ela me disse que estava sentido-se envergonhada com tudo aquilo que havia me falado, acrescentou dizendo que sua filha tinha dificuldade de se relacionar com outras pessoas, mas que estava ali para agradecer a mudança que estava acontecendo com sua filha em tão pouco tempo e que via no meu profissional uma pessoa séria, comprometida, atenciosa e carinhosa.

Esta experiência trouxe momentos de reflexão sobre a minha “futura” profissão, que venho exercendo até agora sem a formação par tal. Em muitos momentos me sentindo como uma ovelha desgarrada de seu rebanho procurei estudos que falassem sobre o professor (homem) na educação infantil. Recentemente identifiquei algumas pesquisas

brasileiras que tratam desse tema. Na pesquisa realizada por Eliana Campos Leite Saporoli, encontrei algumas conclusões interessantes sobre investigações realizadas pela pesquisadora norte-americana Williams (1995). Williams desafia os estereótipos dos estudos sobre homens que trabalham em ocupações predominantemente femininas ao realizar estudos de casos em quatro ocupações, uma delas educação; ele menciona que muitos estudos têm demonstrado que mulheres e homens não são tratados igualmente no trabalho, mesmo que possuam as mesmas qualificações e sejam contratados para executar as mesmas funções. Segundo a autora, esse mecanismo das mulheres desempenharem funções tradicionalmente masculinas e dos homens trabalharem em ocupações predominantemente femininas. Nas organizações esta minoria (tanto de homens quanto mulheres) promove uma diferenciação sexual; esse processo ela denomina de “Tokenismo” (que pode ser traduzido por um (a) estranho (a) no ninho). Williams (1995).

Lendo as investigações desta pesquisadora, fiz ligação com aquele momento em que me comparei como uma ovelha fora do seu rebanho, essa pesquisadora aponta para outros fatos importantes para a discussão; quando ela fala que, “quando os homens são minoria, ... Sua raridade numérica é percebida como benéfica para suas carreiras. Mulheres em geral parecem dar as boas vindas aos homens, ou pelo menos, existem poucas evidências que elas estabeleçam obstáculos que prejudiquem a carreira dos homens”.(Williams p. 79 e 80).

Concordo com a autora em parte, nem sempre esse homem em minoria numa instituição é benéfico, já fui menosprezado e discriminado muitas vezes em lugares, empresas, cursos, congressos, seminários e outras, sendo em alguns momentos desagradável, para garantir o meu direito a vez e a voz. Penso que em grupos menores o pre-conceito se conserva com mais intensidade.

Porém entre rejeições e aceitações, partirei para uma luta saudável, buscando uma sociedade mais participativa, questionadora e capaz de opinar e decidir o tipo de sociedade que melhor lhe convém, respeitando e fazendo prevalecer o bom senso nos momentos de conflito. Nessa profissão tenho a esperança de uma satisfação tanto profissional, quanto financeira, para uma vivência digna, na qual sejam garantidos: saúde, alimentação, moradia, lazer e outros mais.

Encerro este relato com algumas frases, retiradas do texto “Espaço e Vida” de Madalena Freire. São frases de grande importância, quando li, viajei, pois nele encontrei parte do que venho fazendo nos últimos anos.

“Vivo, aprendendo e comento relacionamentos ocorridos nesse lugar (a sala de aula); meu trabalho e minha experiência têm acontecido junto às crianças na fase de 4 à 5 anos de idade. Minha vital e apaixonada prática de relacionamentos com esse Ser-Humano-Criança...”.

“Educador e educando vão conferindo seus alcances, seus achados...”.

“Esse educador é uma figura relevante pois, no processo instrumentalizados de aprender-conhecer, ele interage todo o tempo, nessa construção do processo de conhecimento. Ensinado ao mesmo tempo em que aprende e aprendendo ao mesmo tempo em que ensina. Tais atividades, tais conquistas vão tomando formas e cores que deverão povoar o espaço vivido pelo educador e suas crianças. E, dentro dessa concepção, tudo é construção, tudo é processo e também tudo é produto, tudo é conteúdo.”

Bibliografia:

Anais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1995.

CERISARA, Ana Beatriz – Educadoras de Creches: entre o feminino e o profissional. Tese de Doutorado (Faculdade de Educação) USP, 1996.

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. Educador Infantil: Uma ocupação de gênero feminino, mestrado em psicologia social. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1997.

WILLIAMS, Christinel. Still a Man's World: Men who do “women's work”. London: University of California Press, 1995

In: MORAIS Regis (org). Sala de aula: que espaço é este? Campinas, Papyrus, 1986

FREIRE, Madalena. Dois olhares ao Espaço-Ação na Pré-Escola, Espaço e Vida Grupo responsável pela redação: